

ESPECULANDO EM ANÁLISE COGNITIVA SOBRE INCORPORAÇÃO EM MATRIZ AFRICANA

Área temática: Construção do Conhecimento: Cognição, Linguagens e Informação

Felipe Rodrigues Bomfim-UNEB¹
bomfimster@gmail.com

Leliana Santos de Sousa-UNEB²
sousaleliana@hotmail.com

Teresinha Frões Burnham-LuAmPa³
teresinhafroes@gmail.com

Resumo: *As discussões e análises apresentadas nessa pesquisa trazem à tona questões referentes à análise cognitiva, tema que vem ganhando visibilidade nos espaços de discussão educacional e provocando reflexões sobre o processo de “incorporação, a análise cognitiva e a aprendizagem epistêmica nos espaços sagrados africanos”. Este artigo trata de uma reflexão inicial versando trabalho de investigação proposto a partir das inquietações dos autores, sobre as manifestações e materialização do cognitivo na diversidade cultural e religiosa, mais especificamente na incorporação mediúnica, que até o momento não aparece nos estudos da análise cognitiva no Programa de Pós-graduação multiinstitucional e multirreferencial em Difusão do Conhecimento (DMMDC) UFBA. Nossa reflexão tem como objetivo principal perceber a materialização da cognição na dimensão espiritual, tendo como questões inquietantes: a) saber como se dá a materialidade da análise cognitiva no processo de incorporação espiritual? b) Quais as evidências de análises cognitivas, antes, durante e depois, no processo de incorporação espiritual? É um estudo desenvolvido com sustentação teórico-metodológica na abordagem qualitativa, tendo como dispositivo de coleta de dados a entrevista semi estruturada. Os três colaboradores da pesquisa são professores em pleno exercício da docência no Ensino Superior, da universidade públicas da Bahia. O referencial teórico será produzido à luz da base de pesquisadores internos e externos à temática, como Frões Burnham (2019); Sousa (2017); Santana, (2004); Ferreira (2004); Sodré (1998); Spinoza (1989); Jung (2010) Polany (1998); Galeffi (2014). A expectativa é de que a*

¹Economista, Mestre em Economia, Doutor em Difusão do Conhecimento, Professor da Universidade do Estado da Bahia.

² Pedagoga, Mestre em Educação, Doutora em Ciências da Educação; Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Professora permanente do Programa de Doutorado Multitucional e Multirreferencial em Difusão do Conhecimento – DMMDC. Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Etnicidade, Desenvolvimento Regional – GEEDR/UNEB/CNPq. Membro da Rede LuAmPa – LuzAmorPaz.

³ Bióloga, Mestre em Educação, Doutora em Educação, Pós doutorado em Educação e professora da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Criadora do Programa de Doutorado Multitucional e Multirreferencial em Difusão do Conhecimento – DMMDC. Criadora da Rede LuAmPa – LuzAmorPaz.

pesquisa apresente aspectos latentes da cognição no processo de incorporação, numa tentativa de compreensão dos desafios que são postos às religiões de matrizes africanas, principalmente no tocante à percepção dos envolvidos, valorização e reconhecimento científico.

Palavras-chave: Análise Cognitiva, Incorporação, Matriz Africana.

1. Introdução

A análise cognitiva, desde que surgiram as primeiras reflexões, vem sendo debatida, na sua expressiva maioria, por profissionais da área educacional, neurociência e psicologia. Ainda que envolva as demais áreas do conhecimento a ausência de um conceito, claramente explícito, possibilitou, conforme Fróes Burnham (2012), o tratamento da análise cognitiva como análise de conversação, análise semântica, análise do discurso e análise textual. Na concepção da autora, estes são métodos de análise e não a análise em si. Desse processo evolutivo, da análise cognitiva, o que sempre emergiu foi o reconhecimento em suas respectivas áreas, de que o assunto vai mais além dos métodos de análise sobre as bases científicas apropriadas e já reconhecidas.

É assim, imerso nesse contexto de discussão, que o objeto dessa pesquisa fecundou nascendo, provocado principalmente pelas reflexões travadas na disciplina Análise Cognitiva, no Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento – DMMDC/UFBA. Tais discussões nos instigaram a pesquisar sobre análise cognitiva, conceitos, práticas e significados, buscando dialogar com 15 referenciais teóricos recentes, que versam sobre a temática em questão. Tais perspectivas se consubstanciam em duas questões inquietantes: em que medida os textos selecionados evidenciam conceitos, práticas e significados da análise cognitiva? Como esses textos concebem a análise cognitiva? Mas particularmente em se tratando de aspectos cognitivos, nos interessamos ao estudo referente à incorporação mediúnica/espiritual, visto esse tema não ter aparecido nos levantamentos feitos pelos pesquisadores em Análise Cognitiva e não ter se evidenciado, mesmo quando aquele que se submete à incorporar é o pesquisador.

Buscando refletir sobre tais inquietações o objetivo central do artigo escrito pelo então sujeito-pesquisador à época foi perceber, nos textos selecionados, como, quando e se aparece o termo análise cognitiva, tensionando com os tons existentes entre práticas, conceito e significados do seu cotidiano. Ainda numa tentativa de desvelamento do objeto aqui

investigado, outros desejos emergiram das nossas reflexões, a saber: a) Identificar as áreas do conhecimento onde mais se aplica a análise cognitiva; b) Analisar a evolução do conceito de análise cognitiva; c) Compreender em que dimensão está sendo trabalhada a análise cognitiva. Essa procura evidencia muitas lacunas na base científica.

2. Fundamentação teórica

Principalmente a partir da década de 1990, houve uma proliferação das reflexões e entendimentos acerca da análise cognitiva, fruto dos desdobramentos das produções e discussões dos grupos de pesquisas (Redepect, Nepec e Caos) da Universidade Federal da Bahia – UFBA, liderados pela professora Teresinha Frões Burnham. Assim, a análise cognitiva, segundo essa autora, assume uma conotação para além do método⁴, conforme era entendida desde a década de 40. A partir de 1956, segundo Frões Burnham (2002), é que a pesquisa na Universidade Federal da Bahia – UFBA identificou o surgimento do termo na literatura, apesar do mesmo carecer de maior explicação. Este é o marco teórico da análise cognitiva referenciada dos autores Jens Christophersen e Kjel Kivalo⁵.

Para enriquecimento dessa análise, é preciso compreender a concepção de análise cognitiva para o exercício epistemológico da cognição, tendo em vista que essa compreensão é condição necessária à análise da questão, uma vez que a concepção é norteadora das práticas, “orienta as práticas cognitivas” das demais ciências nas dimensões religiosas, filosóficas e científicas de forma referenciada às diferentes pertencas comunitárias. Nossa discussão é bastante inicial na perspectiva da incorporação em um segmento das matrizes africanas. Junto aos “médiuns” observamos sentimentos e sensações cognitivas como expressões de aprendizagem e transmissão de conhecimento, em mensagens, que possam trazer à evidencia aspectos ainda (in)visibilizados do campo da análise cognitiva.

Segundo Gardner (2003, p.19), a ciência cognitiva representa uma fundamentação empírica para responder questões epistemológicas anteriores relativa ao conhecimento, seus componentes, seu desenvolvimento e seu emprego. Na sua concepção, a análise cognitiva busca entender o que é conhecido. Nesta mesma direção e buscando ampliar a discussão Varela (1996, apud Frões Burnham) define a Ciência Cognitiva como “a análise científica moderna da mente e do conhecimento em todas as suas dimensões”. Frões Burnham (2012)

⁴ Representa uma metodologia ou um conjunto de metodologia.

⁵ Autores da obra : Democracy, ideology and objectivity: studies in the semantic and cognitive analysis of ideological controversy.

não se afasta das concepções anteriores ao afirmar que o entendimento da análise cognitiva implica em complexidade, não fragmentação e conectividade.

O campo de Análise Cognitiva perscruta sobre essas lacunas cognitivas próprias da experiência humana e do legado ancestral advindas de tantas gerações genéticas que ocorrem na construção de feitos civilizatórios e na interação espacial criada e recriada, abrem-se canais de comunicação, implicam-se processos de decodificação, símbolos e significados que fazer emergir memórias subterrâneas reforçam a memória coletiva possibilitando o invisível visibilizar-se incorporado em ato e palavra.

Incorporação é um termo meio equivocado. Mas já é usado há tantos anos, que é difícil você tirar. A ideia é que você sente a energia. Pelos estudos, a gente sabe que o nosso corpo astral vai se expandindo, expandir é a palavra certa e, nessa expansão, o espírito consegue se aproximar do nosso corpo astral e é por isso que a gente sente tanto. E você sente essa energia e é como se tivesse alguém pensando dentro da sua mente. É uma coisa interessante, sabe?! (Vitória, entrevista concedida ao autor). (BRITO, 2017)

Nessa proposta buscamos informações de sentido de “incorporação” nas matrizes africanas visando constituir um rol de características cognitivas interrelacionadas na perspectiva de evidenciar extratos cognitivos como fios condutores de cognição, cujas lacunas das bases científicas deixam a desejar. Definiremos o seguimento religioso, bem como as especificidades de acordo com o acompanhamento das sessões mediúnicas do “sujeito incorpora” no terreiro de umbanda. A abordagem nessa proposta não toma o caminho das crenças, mas antes uma reflexão que envolve a pessoa e suas conceptualizações que dizem do seu corpo ao transformar-se em canal, instrumento para materialização do espiritual. Observa-se que a incorporação mediúnica/espiritual reúne premissas quânticas e relativísticas, mesmo no cotidiano verificam-se esses aspectos vibracionais.

É comum, principalmente na Bahia, as pessoas ao observar outra, atribuir-lhe um orixá protetor, sem ao menos recorrer ao jogo de búzios ou contato com entidades incorporadas, para saber quais orixás acompanham a sua jornada na terra. Isso ocorre porque existem alguns estereótipos e arquétipos próprios de cada orixá nas pessoas que está na memória coletiva: jeito de andar, de falar, de se comportar, de agir e até profissões. Uma pessoa briguenta, por exemplo, pode ser de Ogum ou Exú que são orixás de batalha. Os conciliadores e pacífico podem ser de Xangô que é uma entidade justiceira. O quadro a seguir traz os orixás, as características e estereótipos dos seus filhos.

Quadro 01. Estereótipos identitários das vibrações dos orixás no indivíduo. Ba - 2012

ORIXÁS	ESTEREÓTIPOS IDENTITÁRIOS
---------------	----------------------------------

Iansã	Necessidade de mudança, deslocamentos, transformações materiais, avanços tecnológicos e intelectivos.
Omplu	Necessidade de compreensão de karma, de regeneração, de evolução, transformações e transmutações kármicas.
Oxossi	Necessidade de saúde, nutrição, expansão, energia vital, equilíbrio fisiológico.
Ogum	Necessidade de energia, defesa, prontidão para ação, determinação, tenacidade.
Oxum	Necessidade de equilíbrio emocional, concórdia, amor, complacência e reprodutiva.
Xangô	Necessidade de discernimento, justiça, estudo, raciocínio concreto e metódico.
Iemanjá	Necessidade familiar, estrutural de amor fraternal e filial e bens materiais.

Fonte: SALES (2001).

Dessa forma,

As culturas africanas: candomblé; capoeira; culinária; dialetos; pinturas; dança; samba e canto, chegara ao Brasil, através dos escravos, no período colonial. No processo de aculturação, visando a dominação, estas manifestações foram silenciadas. O candomblé, por sua vez, desconsiderada religião, para não atribuir divindade às entidades religiosas negras e com isso eliminar a autoestima dos escravos. Assim, durante todo o período colonial essas manifestações ocorrem no anonimato sob riscos de castigos diversos. (BOMFIM e RIAMBAU, 2015, p. 1107).

Por conseguinte as informações contidas no quadro 02, abaixo, exibem a multiculturalidade religiosa e seus desmembramentos.

Quadro 01. Religiões afro americanas e suas matrizes. Brasil – Bahia-2012.

AFRO CARIBENHA	AFRO BRASILEIRA
Vudu (Haiti). Tem a base Jeje e cultua orixá com a religião indígena da ilha	Tambor de mina (Maranhão) originário do vudu do Haiti.
Santeria (Cuba). Parecido com o candomblé.	Xangô (Pernambuco). São chamados de xangoleiros.
	Candomblé (Bahia e demais Estados).
	Batuque (Rio Grande do Sul). Candomblé ou culto aos orixás.
	Macumba ou candomblé de Angola (Rio de Janeiro). De origem Bantu Mudou de nome por causa da discriminação..

Fonte: Dados primários catalogados pelos autores.

Nessa mesma direção e buscando ampliar a discussão, percebemos que

[...]Mas o papel da religião e dos religiosos na resistência escrava não ficou reduzido apenas a expressões densamente africanas. Na verdade, mesmo quando se verificou fortes marcas de sobrevivências religiosas africanas no Novo Mundo, uma variedade

não negligenciável de mudanças e adaptações também teve lugar, pois nenhum elemento cultural pode ser transportado e congelado como querem os entusiastas do exclusivismo africano na cultura da diáspora. Da mesma forma, entre os escravos cristianizados, o cristianismo já sofrera profundas modificações por força da interferência de elementos culturais africanos. O caso da igreja "clandestina" dos escravos americanos é ilustrativo. No Sul escravista os cativos criaram uma forma peculiar de ritual cristão em que a dança, a música e o transe coletivo estiveram no centro e funcionaram como poderosos canais de expressão cultural, coesão social e solidariedade étnica afroamericana. (REIS, 1979, p. 13) LA EPIS

É notório que a cultura e as religiões de matriz africana, enquanto instrumento de resistência, são fenômenos complexos no que concerne tanto às teorias quanto as práxis em sua diversidade e dimensões mais relevantes para a sua análise. A incompreensão dessa complexidade se dá não somente nas questões culturais e religiosas explicitamente nos embargos discursivos mas, em geral e em particular, também mediatizados por processos cognitivos existentes na passagem interlocutoras via incorporação/espiritual, às vezes gerando o desrespeito, a desvalorização, outras alcança o irreconhecível porque descaracterizado de forma e dimensão do conhecimento reconhecido.

3. Metodologia

A opção pela epistemologia do sul, justifica-se pela análise de duas dimensões: o mundo real e o imaginário ancestral, não obstante, Thompson, (2002) em a Voz do passado, alerta que a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. A análise cognitiva enquanto instrumento complexo tem papel fundamental na passagem e no processo de transmissão do conhecimento por influenciar na socialização e difusão do conhecimento, contribuindo decisivamente para eventuais mudanças dessas ações na busca constante do aprimoramento da percepção da análise cognitiva. Foi partindo dessa premissa que o objeto desse estudo emergiu no âmbito das discussões travadas, pelos autores, no Congresso de educação e contemporaneidade EDUCON/2017 e Seminário de Análise Cognitiva – SIANCO/2017, a qual desenvolve a prática da análise cognitiva.

Desse modo, as epistemologias do sul, adotada nessa pesquisa como uma das bases epistemológicas, exercerá um importante papel de conexão entre os diversos saberes na medida em que essas epistemologias pretendem vincular os quatro conhecimentos necessários à sua utilização: sociologia das ausências, que implica em ouvir, perceber e entender os excluídos; sociologia das emergências, respeitando o aparecimento das novas perspectivas; ecologia dos saberes, que liga e articula a construção dos saberes e, por fim, a transição, representada pela passagem do pensamento único para ater-se à diversidade. A principal característica do pensamento abissal é a impossibilidade da copresença dos dois lados da linha (Santos, 2010).

Nessa perspectiva, as epistemologias do Sul visam a propiciar a crítica da ciência a partir do norte e do sul, questionando, até, seus elementos axiológicos no tocante a ciência não ter interesse político, debruçando, apenas, na busca da verdade. Assim, conforme Santos (2010) é preciso pensar a ciência a partir da complexidade, da criatividade, da teoria do caos, da indeterminação e da natureza, da interconexionalidade presente contemplando-se midiaticamente pela transversalidade.

Outro elemento fundante das epistemologias do sul é a discussão sobre sujeito e objeto que, segundo Santos (2003) desde 1920, é questionado por ser um movimento eurocêntrico. Na perspectiva das epistemologias do sul inexistem sujeito nem objeto, pois, o importante e definidor de águas é o objetivo: para que, o que eu quero conhecer? Desse modo, tanto nas epistemologias do norte quanto nas epistemologias do sul, há uma forte ligação entre os usuários de **informação digital**. Pensa-se nessa ligação de maneira midiática materializada pela presença física na relação pessoa-máquina-informação. E não muito raro atribui-se a ocorrência momentânea de pensamentos à intuição e à emoção. Nessa reflexão em relação a análise cognitiva a questão do sujeito e objeto não são dissociáveis, pelo contrário, o sujeito é pessoa implicada no viés da incorporalidade.

Esse estudo se define pelo que queremos conhecer : o fenômeno da incorporação, como acontece, e o que acontece em termos cognitivos com o mediúnico/espiritual, “sujeito incorporado de outro”. Salientamos a existência de momentos mediúnicos de manifestação física do espírito quando pode-se observar experiência de consciência durante o processo sendo em seguida relatada sensações, cuja vibração infere sobre alcance de camadas cognitivas consciente-inconsciente.

A partir das instigantes e provocadoras inquietações dos autores vivenciamos as diversas etapas na construção dessa investigação coletiva, em desenvolvimento, num processo dinâmico e cheio de conflitos cognitivos, desconstruções e reconstruções, necessárias no ato de incorporar para transmitir conhecimento.

4. Resultados e discussões parciais

É fato que o campo da análise cognitiva assume uma conotação exploratória de ampliação e aprofundamento para além do método, buscando uma análise empírica epistemológica do saber e suas implicações, afinal, como área de conhecimento, dedica-se na relação da prática educativa, que está implicada com a cognição, mas não há identidade conceitual entre incorporação e análise.

Do nosso lado, argumentamos que tanto no transe das religiões de matrizes africanas, como área específica de conhecimento, existem seus próprios conteúdos, formas e métodos na consulta e passagem de conhecimento em seus espaços sagrados. Nas dimensões dessas matrizes muitas questões são respondidas conforme às evidências da oralidade composta de ritualística que possibilita consistência interna e potencialidades.

Os aspectos evidenciados nesse trabalho, em desenvolvimento, nos convidam a uma reflexão em torno das lacunas no campo da análise cognitiva, da ausência da diversidade cultural das religiões de matrizes africanas, dos processos espirituais de incorporação e do processo cognitivo como mediador do recebimento e passagem de conhecimento informal que tem sido um fenômeno vibracional em conflitos familiares e sociais e no tratamento e cura de enfermidades.

REFERÊNCIAS

- BOMFIM, F. RIAMBAU, V. A reinvenção das religiões de matriz africana: o hibridismo cultural-religioso no Brasil. V Congresso Baiano de Pesquisadores Negros. Produções culturais afro-brasileiras e diversidades: territorialidades, histórias e saberes, 2015.
- BRITO, L. G. **A vibração dos corpos**: notas sobre uma teoria umbandista do intercâmbio mediúnico-energético. Revista Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 37(3): 173-197, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872017v37n3cap07>.
- BURNHAM, Teresinha Frões Burnham e coletivo de autores. **Análise cognitiva e espaços multireferenciais de aprendizagem**: currículo, educação à distância e gestão/ difusão do conhecimento. Salvador: EDUFBA, 2012.
- GARDNER, Howard. **A nova ciência da mente**. São Paulo. EDUSP, 2003
- SINGH, C.I.; LIU, L.; WANG, J.M.; IRWIN, R.W.; YAO, J.; CHEN, S.; HENRY, S; THOMPSON, R.F.; BRINTON, R.D.; **Allopregnanolone restores hippocampal-dependent learning and memory and neural progenitor survival in aging 3xTgAD and nonTg mice**. Neurobiology of Aging. V.33, n. 8, p. 1493-1506, agosto de 2012.
- VARELA, Francisco. **Invitation aux Science cognitives 2**. Ed: Paris: Editions Du Seuil, 1996.
- BRAGA, J. **O jogo de búzios**. São Paulo: Brasiliense, 1958.
- CHRISTOPHERSEN Jens. KIVALO, Kjell. **Democracy, ideology and objectivity**: Studies in the semantics and cognitive analysis of ideological controversy (Norwegian Research Council for Science Publications; Group social science; B308;1) Unknown Binding – 1 Jan 1956.
- REIS, João. **Classe, etnia, cultura e política escrava**: as rebeliões africanas na Bahia no século XIX, Tempo e Sociedade, vol. I, no 1 no pr e l o) .
- SALES, Nívio Ramos. **Búzios a fala dos orixás**. Rio de Janeiro: BARCELLOS, M. Os orixás e a personalidade humana. Rio de Janeiro: PALLAS, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESES, Maria Paula (ORG.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Editora Almedina, 2010.